

Norbert ELIAS - Dados biográficos e passagens de entrevista (publicada em 1984)

1897 – Nascimento de Norbert Elias em Breslau (Wroclaw), em 22 de junho, filho de Hermann Elias, morto em 1940 em Breslau, e Sophie Elias, morta em 1941 (?) em Auschwitz

1915 – Mobilização para a guerra. Parte para o front ocidental.

1918 – Fez estudos de medicina e filosofia em Breslau, frequentando dois semestres em Heidelberg e Freiburg, respectivamente.

1924 – Defende sua tese de filosofia

1925 – Muda-se para Heidelberg para ingressar na carreira universitária; lá encontra Karl Mannheim e passa a se dedicar ao estudo da sociologia.

1930 – Instala-se em Frankfurt, onde se torna assistente de Karl Mannheim.

1934 – Deixa a Alemanha e tenta encontrar, primeiro, um posto numa universidade da Suíça, depois na França.

1935 - Vai à Inglaterra, passando pela Alemanha. Começa a redação de *O processo civilizador*.

1935-75 – Temporada na Inglaterra, com algumas interrupções; depois da guerra, trabalha no Adult Education Center.

1954 – Professor de Sociologia na Universidade de Leicester

1962-64 – Professor de Sociologia na Universidade de Gana, perto de Accra.

Pós-64 – Professor convidado na Holanda (Amsterdã, Haia) e na Alemanha (Münster, Constanz, Aix-la-Chapelle, Frankfurt, Bochum, Bielefeld). Divide sua vida entre Amsterdã (a partir de 1975) e o Centro de Pesquisas Interdisciplinares (ZIF) de Bielefeld (a partir de 1978).

1977 – Recebe o prêmio Adorno da cidade de Frankfurt pelo conjunto de sua obra.

1984 – Instala-se definitivamente em Amsterdã

1990 – Morre em Amsterdã.

Fonte: ELIAS, N. (2001). Norbert Elias por ele mesmo. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.

Passagens da entrevista biográfica feita na Holanda em 1984:

“comecei a ler muito cedo, mergulhava em todo o tipo de livro” (11)

“Soube muito cedo o que queria fazer: queria ir para a universidade, queria ensinar e pesquisar. Soube isso desde minha primeira infância, e trabalhei tenazmente para atingir esse objetivo, mesmo que às vezes me parecesse impossível. (...) ou eu triunfava, ou desaparecia. Não tinha certeza absoluta, naturalmente, mas não duvidava nem um pouco de que minha obra um dia seria reconhecida como contribuição de qualidade ao saber da humanidade.” (22)

“esses militares (...) esperavam um ataque rápido [na I Guerra Mundial]; elaboraram planos em conseqüência disso, embora a simples realidade das coisas pudesse ter lhes mostrado que não venceriam. (...) pessoas em minha posição, ao exprimir esses fatos de maneira compreensível para todos, poderiam evitar muitos erros cometidos em nossos dias. (...) estou convencido de que esta é a missão da sociologia.” (29)

“os sociólogos que não fizeram estudos de medicina falam com freqüência da sociedade sem integrar em seus discursos os aspectos biológicos do homem. E isso, me parece, é um erro. (...) não se pode construir uma teoria... digamos, da atividade humana, sem saber como o organismo é construído e como ele trabalha.” (38)

“Eu queria verdadeiramente mostrar as coisas tais como eram.” (41)

“Penso que minha experiência durante a guerra, mas também nos negócios, reforçou meu senso de realidade.” (42)

“O que eu queria de fato era levantar o véu das mitologias que mascara nossa visão de sociedade, a fim de que as pessoas pudessem agir melhor e de maneira mais sensata.” (...) “eu pretendia desenvolver uma imagem da sociedade que não fosse ideológica. E consegui.” (45)

“nossa realidade tem aspectos terrivelmente desagradáveis – como, por exemplo, o fato de que a vida é completamente absurda. Mas é preciso encarar essas coisas de frente, pois essa é uma condição indispensável caso se pretenda dar um sentido à vida. E só os homens podem fazer isso uns pelos outros. Vista dessa maneira, a ilusão de um sentido preestabelecido é nociva.” (...) “Acho muito seriamente que vivemos numa verdadeira floresta de mitologias, e que nesse momento uma de nossas missões essenciais é nos livrarmos delas.” (49)

“a análise histórica da República de Weimar [1918-1933] (...) não mostrou de modo suficientemente claro a falência do monopólio estatal da violência.” (52)

“Desde essa época [dec. 30], eu tinha uma noção muito precisa das redes de interdependência: o indivíduo está ligado aos outros por um fenômeno de dependência recíproca.” (56)

“com a primeira parte de meu livro sobre o processo civilizador – onde explicava que os alemães davam mais importância à cultura, ao passo que os franceses privilegiavam a ‘civilização’ – trouxe uma contribuição importante para a elucidação de um problema que agora está muito na moda: o das mentalidades nacionais. (...) Não me contento em

constatar que a mentalidade nacional dos alemães é diferente da dos franceses, mas explico o *porquê*." (66)

"Sempre tive a impressão de que a extrema falta de autocontrole de que se é capaz na Alemanha está ligada, entre outras coisas, ao fato de que a cultura das classes médias e do proletariado foi pouquíssimo influenciada por um estágio do processo civilizador, o qual, em contrapartida, foi importantíssimo na França e na Inglaterra: o estágio aristocrático." (67)

"Permaneci [à época em que trabalhava em Leicester] portanto um personagem de terceira categoria. Deveria acrescentar que suportava isso sem conseqüências graves ou traumatizantes (...) Nunca duvidei de mim mesmo – sempre acreditei ser capaz de fazer algo relativamente importante. Essa fé nunca foi abalada. (...) nunca fiz projetos em minha vida; atravessei-a como o cavaleiro do lago de Constanç, sem temer que o gelo cedesse. Eis a maneira como concebo a vida." (76)

"[explicando porque foi lecionar na África, em Gana, com mais de 60 anos] sinto imensa curiosidade por tudo o que é desconhecido." (77)

"[em culturas 'mais simples', 'menos diferenciadas'] A estrutura do eu é muito mais receptiva para impulsos vindos do inconsciente, a fronteira entre a imaginação e a realidade não é assim tão nítida como entre nós." (79)

"[da I GM como divisor de águas] Tudo o que vivi então me deu a convicção de que só os homens podem ajudar outros homens e que eu era o único que podia ajudar a mim mesmo." (80)

"trabalho sempre muito duro [de 11 às 22h segundo os entrevistadores], e o faço tendo consciência de que devo criar as condições nas quais a minha obra possa efetivamente se tornar parte integrante da tradição sociológica. Trabalho sempre muito para atingir esse nível." (81)

"No fundo, sou europeu. (...) nunca partilhei o ponto de vista segundo o qual só se pode ou se deve identificar-se com um único país." (83)

"Sempre fiquei espantado ao ver o número de pessoas que perdem a coragem em nossos dias, como se nada mais valesse à pena ser feito; há tantas coisas a fazer, e há tanta gente fazendo qualquer coisa ou que se corrompeu intelectualmente. Minha experiência é que vou vendo pouco a pouco algo de novo, e assim dou um exemplo: *pode-se fazê-lo*, e isso vale à pena. Acho essa falta de coragem, esse niilismo e essas lamentações absolutamente insuportáveis." (84)

"Não se deve perder de vista que durante milênios a religião foi o centro da busca de um sentido para a vida humana. Hoje em dia, para muita gente, a religião deu lugar a um grande vazio, e não temos nenhuma alternativa a lhes oferecer. (...) considero que uma de nossas missões essenciais é não mentir e não criar novas figuras do pai ou da mãe. (...) o niilismo para mim é uma atitude de pessoas que se recusam a se tornar adultas." (85)